



REINTEGRACIONISMO PRÁTICO

Quando Daniel Castelao chega ao Rio de Janeiro em 1946 expressa-se em galego para “ser melhor percebido” por galegos, brasileiros e também portugueses, segundo recolhem crónicas da época. No entanto, a língua, considerada na altura o cerne da identidade nacional, nom poderá ser usada no Brasil como elemento de autoafirmação por “nom ser crível” a desvinculação desta em relação à Lusofonia. Paradoxalmente, será um dos motivos polos quais o nacionalismo galego no Brasil atinja menor presença que em países hispanófonos como a Argentina ou o Uruguai.

CADA MÊS, O GOZE DAS LETRAS

Na nova etapa que agora iniciamos, em cada novo número publicará-se um texto das nossas letras. Para inaugurar tam belo jardim, escolhemos como anfitriom um bom conhecedor desta casa, o Carlos Quiroga.

REFRESCANDO A MEMÓRIA DE UM TEMPO

Na década de 70 e 80, ERGA trazia ar de revolta, embrulhada em palavras de liberdade, pátria e língua. Hoje os seus militantes som dirigentes políticos ou representantes culturais de um país que continua a cavar trincheiras para a defesa da sua identidade.

EM TEMPOS

Anarquismo e nacionalismo galegos no Brasil até os anos 50 (I)

Carlos C. Varela

A colaboração política entre organizações revolucionárias galegas e brasileiras vem de longe. Justamente o 1º Congresso Operário Brasileiro foi celebrado em abril de 1906 no Centro Galego do Rio de Janeiro, com participação de ativistas do nosso país. Dez anos depois, os libertários brasileiros participam no Congresso Anarquista de Ferrol. Entre 1908 e 1915, um operário gráfico de indubitável apelido galego, Manuel Moscoso, dirigia o jornal anarquista *A Voz do Trabalhador*, editado pela Confederação Operária Brasileira. O Centro Galego, aliás, foi curiosamente o lugar do Rio onde mais obras teatrais anarquistas foram representadas, tendo os operários galegos o seu próprio Grupo Teatral do Centro Galego, com participação de militantes de outros países.

No que atinge ao nacionalismo, este teve mui pouca presença, apenas alguma atividade realizada por

um pequeno grupo de cariocas animado por Vítor M. Balboa durante dez anos. Este, a principal referência até a chegada de José Velo no Santa Liberdade, explica que o Centro Galego nascera de uma cisão do Casino Español. Como consequência, este ultimo minguou drasticamente, até que em 1912 era a única sociedade “hespanhola”. A minoria não-galega foi acolhida, dando-lhe alguma concessão para que se sentissem à vontade, mas asinha invertem a situação. O zénite desgaleguizador alcança-se quando um mural com personagens históricas galegas como Feijó, Rosalia e Curros, é apagado por volta do ano 1937. Seis anos depois pecha as suas portas.

O novo chamamento do nacionalismo dá-se em 1946, para uma “Junta Iniciadora do Movimento Irmandinho em Rio de Janeiro”. No 31 de julho desse mesmo ano, organizam junto militantes do Partido Comunista Brasileiro a

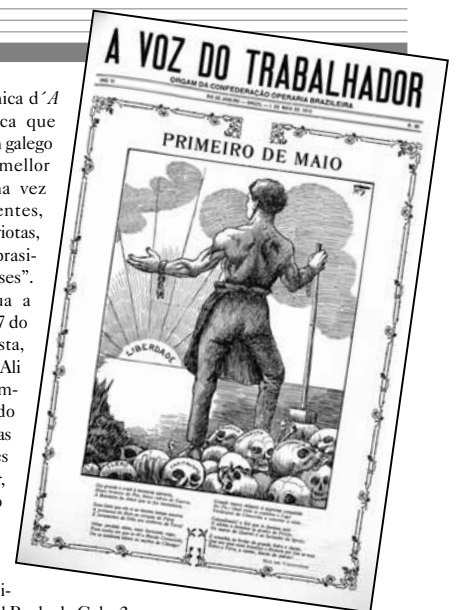
recepção a Castelão, que ficaria uma noite no país –ja estivera lá, de caminho para o exílio portenho– enquanto faz escala entre Buenos Aires e Marselha. Ceiam no restaurante Altomar, onde se darão os

Perguntado sobre a debilidade do nacionalismo galego no Brasil frente o vigor que atingia na vizinha Argentina ou no Uruguai, Vítor Velo explica que uma das molas básicas da consciencialização nacional, a língua, não se pudo ativar lá, por não ser crível a desvinculação da Lusofonia

discursos. A crónica d’*A Nosa Terra* indica que Castelão “Fala en galego –diz– para ser mellor entendido, unha vez que están presentes, non soio compatriotas, como também brasileiros e portugueses”.

ANT continua a informar em 1947 do ativismo galeguista, centrado no Rio. Ali lançaram uma campanha explicando as datas patrióticas que os emigrantes deviam celebrar, com um texto redigido na ortografia internacional: 17 de dezembro, decapitação do marechal Pardo de Cela, 2 de abril, Revolução Galega, etc. Em 1954 o irmandinho Fiz Fernandes, presidente da Irmandade Galega de Buenos Aires, visita o Brasil. Lá fala da situação económica, que “fai da Galiza unha colonia da meseta”. Expressará em ANT o desejo de trabalhar portenhos e cariocas juntos: “Orgullosos dos nosos irmáns da Patria, que en terras brasileiras manteñen acceso o facho dos nosos ideais”.

Quando o filho de Pepe Velo, Vítor, é perguntado sobre a debilidade do nacionalismo galego no Brasil ao contrário do vigor que atingia na vizinha Argentina ou



Uruguai, salienta que uma das molas básicas da consciencialização nacional, a língua, não se pode ativar no Brasil, por não ser crível a desvinculação da lusofonia. A situação é complexa, a língua espanhola, que no resto da América serviu aos galegos como “pólo opositor” para a conformação da sua identidade, no Brasil estava “desativada”, mas, ao mesmo tempo, a carência do conceito de lusofonia tampouco lhes permitia integrar a semelhança linguística no discurso nacional. Isto era também devido, segundo Vítor Velo, ao pouco nível cultural dos emigrantes galegos no Brasil.



QUE FOI DE...

ERGA

Alonso Vidal

Muitos dos que fomos estudantes nas décadas de 70 e 80 reservamos algum recanto de memória para uma organização de nome desestabilizador que entrou de súbito nas aulas e nas paredes das cidades e vilas galegas com a força de todas as ideias primigénias. Os Estudantes Revolucionários Galegos (ERGA) traziam ar de revolta, embrulhada em palavras de liberdade, pátria e língua, a uns estabelecimentos de ensino que ainda arrastavam a lousa do franquismo. Se voltarmos a vista um momento, poderemos analisar e concluir o seu papel de referente imprescindível no campo da consciencialização estudantil e mobilização social nos momentos mais difíceis desta longa caminhada para a libertação nacional. Aqueles estudantes revolucionários som hoje dirigentes políticos ou representantes culturais dum país que, como daquela, nas aulas e nas paredes das cidades, está a cavar trincheiras para a defesa da sua identidade.

Estamos em 1972 e a classe operária galega convulsiona-se em Ferrol e em Vigo. Greves e repressom. Morrem dous trabalhadores dos estaleiros “Bazán” e dúzias são feridos pola policia. A UPG que já

se tinha mobilizado desde uns anos antes contra a construçom da barragem de Castelo de Minho ou celebrado o Dia da pátria, começa a estender a sua influência. O curso em Compostela começava com unha luta sem quartel. Um encerramento estudantil de três meses, assembleias e manifestaçoms concluírom com a morte de Chema Fuentes, jovem estudante de medicina abatido polas forças repressivas. A Universidade declara-se em greve geral.

Na altura, Manuel Mera, “Ramom” um moço de Seoane, no concelho de Alhariz, que com apenas cinco anos já conhecera a emigraçom, que militara na esquerda argentina nas luitas contra a ditadura, era enviado pola UPG de Vigo a Compostela. Lá trabalharia como operário da construçom enquanto organizava na clandestinidade unha organizaçom estudantil que iniciasse as frentes abertas polos comunistas galegos nos campos sindical e político e que mais tarde cristalizariam nas Comissions Labregas ou na Assembleia Nacional-Popular Galega (AN-PG).

Os trabalhos começam com o apoio de unha dezena de universitários de toda a procedência, alguns do Movimento Comunista, entre os que estavam daquela Elvira Souto, Suárez Canal ou a poetisa Chus Pato. Também o futuro historiador Anselmo López Carreira. LUME precisamente foi o nome apropriadamente escolhido para o boletim elaborado pola organizaçom estudantil para provocar a combustom do ermo sistema universitário galego da altura.

Com ERGA, as reivindicaçoms já nom som apenas académicas. Os estudantes constituíam o braço mais combativo nas batalhas que o nacionalismo levava a cabo nas ruas: Era o inicio da oposiçom ás celulosas, das manifestaçoms no dia da Pátria, no 1.º de Maio, ou contra a repressom, apoiando os alunos expulsos no Instituto de Coia ou do professor Paco Rodríguez, daquela desterrado na Andaluzia por motivos políticos.

A sua perene oposiçom as provas de selectividade foi o cavalo de Tróia que introduziu a ERGA no âmbito do ensino



Imagem do Congresso Constituinte de ERGA, em Compostela

secundário. O ensino era um problema global a assim deveria ser tratado. As campanhas destes primeiros anos centravam-se na melhora da docência e na denúncia do autoritarismo do professorado de trajectória mais rançosa.

A língua como marca de identidade

A defesa da cultura, nomeadamente da língua, vai ser o sinal de identidade mais forte da organizaçom estudantil. Enquanto o idioma galego era perseguido nas aulas e desprezado pola esquerda espanhola, ERGA levou a voz do povo às assembleias de estudantes e fixo com que tudo virasse. A língua era assumida já como signo de rebeldia no caduco sistema escolar do franquismo. As associaçoms culturais, apoiadas por estudantes de ERGA, jogavam papéis vindicativos que corresponderiam a organizaçoms políticas proibidas. (A Auriense na Homenagem a Castela em 1974).

Em mui poucos anos, a chamada alternativa patriótica impulsionada pola UPG tomava corpo. ERGA já constituía um referente fundamental na universidade e o único baluarte estudantil no ensino secundário.

No seu melhor momento, chegou a boicotar unha conferência na Faculdade de Económicas de um Gil Robles em Março de 77.

O trabalho desenvolvido começa a dar os frutos e em Janeiro do 78 celebra-se o seu primeiro Congresso em Compostela com a assistência de mil delegados. Unha autêntica demonstraçom de força que se fora ganhando nas luitas populares (Jove, Baldaio, Encrobas... oposiçom à quota empresarial...). Impressiona a mobilizaçom por parte de ERGA de 60.000 estudantes em apoio à jornada de luta contra os pactos da Moncloa a 27 de Janeiro do 78, que fora convocada em solitário polas Comissions Labregas (CC.LL.) e a ING. Numha entrevista à CIG, Júlio Rios, o seu Secretário-Geral no 1.º

Com ERGA, as reivindicaçoms já nom som apenas académicas. Os estudantes constituíam o braço mais combativo nas batalhas que o nacionalismo levava a cabo nas ruas

Congresso concede: “Os estudantes nom só respondiam aos chamamentos, também assumiam grande responsabilidade nas tarefas de agitaçom, propaganda, formaçom e organizaçom. Muitos militantes de ERGA ajudaram a desenvolver a luta sindical, labrega, vizinhal. Na altura, o estudantado mobilizado por ERGA era um valor seguro quando o nacionalismo tinha que rachar com os valados do silêncio e a repressom”.

O que foi de toda essa força?

As causas do declive e desapareçom da primeira organizaçom sindical de massas do país está sujeita a múltiplas interpretaçoms, algumas delas ligadas a cissions internas. Em 1982, funda-se o BNG e ERGA constituiu-se como um dos colectivos integrantes da nova formaçom. A sua identidade nunca seria exibida externamente com naturalidade.

O nascimento da organizaçom juvenil do BNG, Galiza Nova, precisou dos militantes de um sindicato estudantil já debilitado nas suas actividades. Por outro lado, as reclamaçoms académicas começavam a ser realizadas a través de dos CAF (Comités Abertos de Faculdade) que nasceram em Compostela com o apoio entusiasta de membros de

ERGA. Ainda se veria publicamente, como organizaçom juvenil do BNG, no movimento anti OTAN, nas protestas do traslado dos restos de Castela, apoiará as greves gerais dos anos 84-85, solicitando o voto para o BNG -mesmo com cartazes próprios- nas Autonómicas de 85, ou integrando-se no Conselho da Juventude de Galiza, manipulado na altura polo actual Ministro de Fomento, José Blanco.

Asua última assembleia tivo lugar em Dezembro do 87 sob o lema de “O estudantado por unha Galiza liberada. Unidade, organizaçom e luta”. Ali decide-se dissolvê-la. O seu último Secretário-Geral, Manuel Antelo, um dos dinamizadores dos CAF, é o actual responsável de Açom Municipal do BNG.

Para muitas pessoas ligadas a movimentos estudantis soberanistas posteriores -como EI, FER ou AGIR- a dissoluçom de ERGA em Galiza Nova “deve-se a unha açom enquadrada num projecto de paulatino reformismo e assimilaçom do sistema por parte do que hoje conhecemos como nacional-autonomismo ou BNG, renunciando ao modelo organizativo plural, unitário e de massas”.

Jorquera, Fernández Leiceaga, Rego, Lobeira, Rios, Miranda... Nomes de dirigentes da ERGA mais combativa podemos reconhecê-los hoje como professores nos claustros de universidades, nos Institutos de ensino onde de moços combatiam, na política activa, de alcaldes, concelheiros, em partidos de diverso signo, jornalistas ou no eido sindical. Algum moço estudante revolucionário galego chegaria mesmo a Conselheiro nacionalista dum governo galego nom excessivamente revolucionário. Outros foram-se para casa, desvinculando-se da luta talvez à espera de que os seus filhos e filhas participem da próxima revoluçom que está ainda pendente. Por que ao fim e ao cabo... acaso há alguma que nom o esteja?





A FOTO

Sole Rei

De Dezembro foi um mês de agressões aos espaços autogeridos okupados do norte do país. No dia 26, vários centos de pessoas marcharam pelas ruas dessa cidade em repulsa ao desalojo do C.S.O. Casa das Atochas, centro social situado num imóvel abandonado pertencente a um construtor da zona que desde o 14 de Março de 2008 vem desenvolvendo umha intensa actividade social, política e cultural na cidade que, na altura, se está a ver ameaçada por requerimentos legais.

Além disso, a 29 de Dezembro, em Compostela, agentes da polícia procederam a cercar o imóvel em que a Casa Encantada estava a desenvolver as suas actividades, sem permitirem a prévia retirada dos objectos que se encontravam no interior do local.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No Novas da Galiza pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Este novo jardim de criação deve ser inaugurado simbolicamente por Carlos Quiroga. E nom precisamos dar razons da escolha. O Carlos é escritor reconhecido e premiado, professor,

amigo das palavras justas, da língua e da terra. E sempre está. Sempre. Solidariedade, Literatura e Compromisso em estado puro. Que melhor anfitriom para um espaço de letras e cultura?

O trecho escolhido pertence ao inédito **Império do Ar**. Vai do Brasil e aviões, romance de Cavalarias épico e lírico – andanças de um cavaleiro num vasto território que mostra a atmosfera imperial da mesma língua que ele porta.



O sorriso de Daniel em Sampa

Porque há um tempo terrenal para todas as coisas sob os céus. Nascer, morrer, no meio o tempo de plantar, colher e de abraçar, até o tempo de fugir ao amor. Amar ou até odiar, falar ou até humildes calar.

E porque há um tempo terrenal para todas as coisas sob os céus este tempo de estar aqui deve ter algo de especial, deve ter algo de céu aqui.

Com que sorriso, ó Daniel, olhas da porta terrenal este país?

Ó Daniel medieval assim, ó Daniel secular, pintor, escritor, condutor do teu país? Para ambos esta terra tão distante se abre num tempo que não é aquele já, para um tempo nosso de plantar o abraço do sorriso vosso. Sim, para ambos silenciosos acabou calar



e calou fugir ao abraço nosso. Porque há um tempo terrenal para todas as coisas sob os céus. Nascer neste país agora para não morrer, plantar o abraço neste país para colher a fala pequena no nosso país distante.

Com que sorriso, ó Daniel, etc.

O escultor do tempo em ambos nos deixou esse lindo indício que anima o rosto assim feliz só quando se entra em casa. Porque há um tempo terrenal para todas as coisas sob os céus, e é o tempo grande do sorriso aqui, o tempo de entrar e abraçar, colher, o tempo de falar em alto e rir.

Com que sorriso, ó Daniel, etc.

Com o sorriso e riso de ser o nosso, com o sorriso e riso de ser o nosso. Porque, ó Daniel medieval, porque, ó Daniel secular, todos nós sorrindo estamos em casa. Porque a fala não é apenas

o perfume subtil da alma, como um dia Lídia (Jorge) já escreveu, porque a fala é a flor da própria alma em casa. E a alma, Lídia, é uma narrativa, sim, acumulada, acumulada, enquanto se possui uma língua que a fala, que a fala na casa do mundo, no mundo com alma da nossa fala. E a alma, Lídia, é uma narrativa, sim, acumulada, acumulada, enquanto se possui uma língua que a fala, que a fala na casa do mundo, no mundo com alma da nossa fala.

E com que sorriso, ó Daniel, olhas da porta terrenal este país?

Com que sorriso, ó Daniel, etc.

Ó Daniel medieval, ó Daniel secular, passa a porta da casa e abraça. Passa a porta da casa e abraça. Passa a porta da casa e abraça.



LÍNGUA NACIONAL

Agora chama-se 33%

Valentim R. Fagim

1716. INSTRUÇÕES DO FISCAL JOSÉ R. VILLALANDO AOS CORRIGIDORES CATALANS.

Se podría prevenir el cuidado de introducir la lengua castellana em aquel país. (...) Pero como a cada nación parece que señaló la naturaleza su idioma particular, tiene em esto mucho que vencer el arte y se necesita de algum tiempo para lograrlo (...) por esto parece conveniente dar sobre esto **instrucciones y providencias muy templadas y disimuladas, de manera que se consiga el efecto sin que se note el cuidado.**

1903. DIARIO DE NAVARRA.

El vascuence debe cultivarse como planta indígena de gran mérito, que há dado sombra y prestado alientos a las generaciones pasadas recordando a las presentes el amor a la

tradicción, al fuero, á la región bendita, á la patria chica, sin la cual no puede existir la patria grande, porque el amor á la región es la base firmísima del amor a la nación.

1939. CATECISMO PATRIÓTICO ESPAÑOL.

La lengua castellana será la lengua de la civilización del futuro porque el inglés y el francés, que com ella pudieran compartir esta función, son lenguas tan gastadas, que van camino de uma disolución completa.

1976. ADOLFO SUÁREZ, CHEFE DO GOVERNO ESPANHOL.

- Se hará el bachillerato en vasco o en catalán?
- Su pregunta -perdóneme- es idiota. Encuéntrame en primer lugar profesores que puedan

enseñar química nuclear en vascuence.

1988. ANÚNCIO CONTRATADO EM LA VOZ DE GALICIA.

Nuestros hijos seguirán, como ya es vieja constumbre en Galicia, **atrasados** com respecto a todos los hispano parlantes, pues los hacen dilapidar energias estudiando forzosamente un idioma que NO ES MATERNO, que no les gusta y que para colmo NI GALLEGO ES.

2008. MARIANO RAJOY, PRESIDENTE DO PP (PERANTE A PROPOSTA DO PSOE DE ANDALUZIA PARA NAS ESCOLAS DE IDIOMAS SE ESTUDAREM CATALÁM, BASCO E GALEGO).

"No tiene ningún sentido, ya que **la prioridad es conocer el castellano y el inglés.**"



CINEMA PARA PENSAR

A Fita Branca (Das Weisse Band)

Francesco Trafficante

O último filme do director austríaco Michael Haneke, recentemente saído do forno deste passado 2009, impressiona. Como em obras anteriores, continua a falar-nos da banalidade do mal, que diria Hannah Arendt, a perversom gratuita e o prazer de fazer dano aos demais. Este director austríaco tem a capacidade de deixar o público hipnotizado e colado aonde quer que esteja sentado enquanto vê este filme, onde aparecem todas aquelas cousas que ficam reservadas á mais estrita intimidade das pessoas. Mas há ademais nele uma série de valores acrescentados que para quem escreve fam que se poda falar de obra-mestra, pois é a típica obra que quanto mais vê mais cousas descobre. Ambientada numha aldeia da Alemanha da época justo anterior ao começo da I Guerra Mundial, mostra-nos um cenário social de repressom religiosa,

sexual e económica que roça o paroxismo. Apresenta-nos uns indivíduos disciplinados, obcecados com a ordem social, sem amor e carinho entre eles, onde o bem é apenas umha palavra mencionada nuns discursos religiosos hipócritas que se usam apenas como elemento ritual para manter essa coesom e ordem estabelecida, mas que em nengum momento aplica umha mensagem de amor. Vam acontecendo na aldeia umha série de torturas e accidentes provocados inexplicáveis, dos quais nom se sabe quem som os culpados. As vítimas som quase sempre seres indefesos, com deficiência mental ou meninos demasiado pequenos para se defenderem, salvo no primeiro accidente. Sem querer desvelar a história, o que veremos é como se trata da vingança dos seres maltratados e reprimidos sobre outros pessoas mais febles que as próprias vítimas, numha espiral de violência, maldade, vingança e castigos que, tal como defende o director, será o caldo de cultivo social ideal para



Mostra-nos um cenário social de repressom religiosa, sexual e económica que roça o paroxismo

que depois triunfe o nazismo poucos anos depois. De facto, as malheiras sofridas nos misteriosos incidentes nom deixam de ser um calco sistemático dos sádicos castigos que os cabeças de família das forças vivas da aldeia aplicam sobre os membros das suas famílias. Os homens adultos serão os repressores e abusadores mesmo sexuais das suas mulheres, filhos e filhas: o barom, o administrador, o médico e o sacerdote, este último um torturador subtil que sabe usar perfeitamente a religiom como desculpa para a sua mente doentia. A análise desta sociedade patriarcal e cristá é absolutamente demolidora, onde só se salva a figura do narrador, o mestre de escola, ainda ele próprio vítima do machismo e o sadismo, ainda que num nível menor, graças ao rol social que ocupa. Um último elemento é o sofrido polo povo trabalhador, tanto os imigrantes polacos que venhem trabalhar como os próprios labregos, representados na família que sofre a perda da mai num accidente numha serra-

ria. Eles procurarám também a sua vingança, mas mais como um acto de justiça, pois, longe do sadismo exercido pelas classes privilegiadas, se limitarám a atacar a propriedade dos seus ricos opressores, representados na nobreza. A fotografia nom podia ser mais que a preto e branco, por ser mais simbólica de uns tempos cinzentos, por fazer-nos mais crível a época e porque permite um jogo com a iluminaçom que se utiliza para ressaltar as mensagens. Na história cada cena está encaixada perfeitamente, nom sobra nem falta nada. É de agradecer um filme actual onde cada plano tem umha funçom determinada e onde o autor tem claro o que quer dizer. Por último nomear a capacidade de criar metáforas visuais: a do pássaro morto representando a cruz deixa a um sem respiraçom, por nom falar da fita branca que funciona como premonição das fitas que levariam os judeus poucos anos depois. E assim por diante. Um filme a nom perder.